

• *Sobre o Subestimado Mestre de Bandeira*

-Nota à respeito de Wols

"Every created thing has ways of pronouncing its ownhood" W. H. Auden

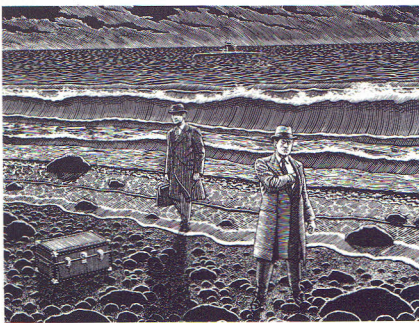
Uma crítica francesa bem apontou que é no abstracionismo informal onde se processa a vingança da matéria sobre o espírito. Um programa, aliás, que, de pronto, ganharia o aval, de Nietzsche.

Nada mais exato. E com direito a lembrar o ditto do poeta americano William Carlos Williams "no ideas/ but in things" ("não nas idéias/ mas nas coisas") algo que sintetizava e antecipava um estado de espírito parelho do outro lado do Atlântico.

O que ressalta no informalismo do pós-guerra é atualidade mutilada do corpo. Não do modelo. Do corpo do próprio pintor - uma aproximação em zoom até um close-up selvático, que repunha na tela a presença, a fisicalidade do pintor, sugestões psicossomáticas, seus "pedaços".

"Close-ups são rudes", nos diz Auden.

Wols, que além de pintor era excelente fotógrafo, sabia disso. E, além, vivera a guerra: exílio e prisão. Firmara a paisagem do exílio. Buscara na França ainda livre, um alívio quase autista em seus desenhos e aquarelas



popoados de microscópicos detalhes semelhando seres biológicos. Ou então, enleados de pelos, pentelhos, grandes vaginas sem o amparo plástico das pernas. Meio redenção, bruto pesadelo.

Líquido: o abstracionismo informal deve mais a Wols que os ninivitas a Jonas. E o pintor alemão assoma, assim, como um nome para o próximo milênio. A necessidade de mártires exemplares irá encontrar em sua figura um emblema.

À sombra de Wols pode-se desfiar todo um rosário de epígonos: Camille Bryen, Georges Mathieu, Giacometti e, naturalmente, Antônio Bandeira - este ainda que autonomizado, em parte, pela alegre agressividade de seu lirismo, pelas cores abertas e equatoriais, pela semifiguração - que lhe rendeu um capítulo de mal-estar junto a Vieira da Silva - pelo futebol no Hyde-Park.

Então, nosso empenho, aqui, não vai por diminuir Bandeira, mas fazer justiça ao artista. Ou seja, repensar a estatura de Wols. Tarefa esta que implica reconhecer que, sem o influxo de Wols, Bandeira não passaria de um expressionista de província com algum vigor e escassa perspectiva de alargamento conceitual.

O fato é que, em Wols, o homem viveu seu tempo na amplitude máxima da angústia. E, se o que nos salva é a angústia, como quer o verso de Alexandre Barbalho?

Alfred Otto Wolfgang Schutze, Berlim, 1913. Mudou-se com a família para Dresden seis anos depois, Aí, cursou o ginásio, cumprindo lições de humanística, música (violino), e fotografia. Seu passatempo era a piscicultura doméstica.

Em 1932, o vemos a caminho de Frankfurt para cursar etnologia. Ano seguinte, regressa a Berlim. Toma aulas na Bauhaus, por um semestre, sob tutela do mestre húngaro Moholy-Nagy, que o aconselha a tentar sua sorte

em Paris.

Transfere-se para a capital francesa ano seguinte - que, não por acaso, marcaria a ascensão do nazismo - e entrega-se a uma atividade febril. Primeiro como músico - em parceria com Nelly van Doesburg. Mas também como pintor e fotógrafo.

Entre 1936-39, perambula por Barcelona e Ibiza - roteiro, de resto, comum a outro exilado exemplar: Walter Benjamin. Mas isso só depois de ver frustrado seu plano de percorrer o sul da França com um cinema itinerante ao lado da futura esposa, Gréty.

Em 1937, firma contrato como fotógrafo, para a exposição mundial de Paris no que adota Wols por pseudônimo.

Conhece os campos de prisioneiros em 1939. E é em um deles, em novembro de 1940, que, pouco antes de ser solto, casa-se com Gréty.

O casal passa então a residir no sul da França - região pela qual Wols nutria especial afeição. Europeu do norte, encantado com a paisagem do Midi, pinta aquarelas e desenha incessantemente.

Com a total ocupação da França, em 1942, foge para a Suíça, onde, por intermeio de Roché é apresentado ao marchand Drouin, dono da famosa galeria parisiense. E é sob a influência de Drouin que passa a pintar sistematicamente.

Na Paris do pós-guerra, forma um círculo de amigos que vai de pintores, caso de Bandeira, entre outros, a escritores do porte de Tristan Tzara, Jean Paulhan, editor da Nouvelle Revue Française, Sartre - que o subvencionou durante algum tempo - e Artaud. Para eles, ilustrou livros assim como para reedições de Kafka.

Wols morreu de infecção alimentar segundo uns, alcoolismo dizem outros, em 1952, aos 37 anos. Justo



quando começava a ganhar projeção. Aparece inadaptado não só ao exílio mas a sua própria época. Cumpre reconhecer o pesadelo político de então. E, de passagem, vem a calhar a “solução” proposta por um sonhador mais pragmático: “preciso me adaptar pois não pretendo privar-me do paraíso de um velho lar”.

Este registro encontra-se no diário de Wallace Stevens, poeta americano - um que, misteriosamente e muito a seu modo, conseguiu divorciar vida e arte. Arte grande, superlativa.

Para Wols, assim como para Walter Benjamin, não houve tal perspectiva - e, sem dúvida, daí sobrevem a aurática grandezza estóica que envolve num só abraço homem e obra. Sem pátria e sem tempo. O coelho esfolado vivo, que captou numa foto célebre, assoma menos chocante que as moléculas, partículas e entidades proto-biológicas que pululam em suas telas (sempre de cores frias, apasteladas) e que Sartre falou em termos de não pertencerem a nenhum dos três reinos da natureza, mas a um quarto, inapreensível.

“Cada obra de arte é um crime regateado”, nos diz Adorno, referindo-se a “tudo que se opõe a um progresso inflexível”. A vida de Wols se opôs. Não menos sua obra. O progresso era uma instância da guerra - e, aqui, entendida também do ponto de vista aliado.

O romance autobiográfico de Bandeira, escrito em 1967 - e inédito até o momento - intitula-se *Árvore da Infância*. Sendo a árvore, no caso, um flamboyant. Ao se referir a ele, logo no aprem, Bandeira especula: “muitas vezes me perguntava de qual reino será ele: vegetal, animal ou mineral? Os três, me respondia qualquer coisa dentro”.

Qualquer semelhança à referência de Sartre ao quarto reino na obra de Wols será mera coincidência? Até pode ser. Mas, do contrário, o caso sugere, no mínimo,

que o “qualquer coisa dentro” de Bandeira, ainda que de forma inconsciente, parece assimilar algo de Wols.

Entre outros, esse indício apenas insinua quão densa deve ter sido a impressão deixada pela personalíssima obra de Wols sobre a pintura do jovem Bandeira. Isso ao ponto de cearense recorrentemente reportar-se ao propalado Banbryols - grupo supostamente formado por ambos e mais Bryen. Na biografia dos outros dois, Wols e Bryen, não há referências ao grupo, que, quando muito, não deve ter passado de uma anedota de bar entre boêmios iguais e artistas desiguais.

Ruy Vasconcelos